

**MEMÓRIA COLETIVA E IDENTIDADE: EXPERIÊNCIA COM O SAGRADO NA ROMARIA DO CÍRIO DE NAZARÉ NO IMAGINÁRIO DO CATOLICISMO POPULAR.**

Willa da Silva dos Prazeres[[1]](#footnote-1); Lídia Maria da Costa Valle[[2]](#footnote-2); Denise Santos de Figueiredo Vale[[3]](#footnote-3).

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade do Estado do Pará-PPGCR/UEPA/CCSE/Belém, Pará. E-mail: kytta.willa@gmail.com

2Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade do Estado do Pará-PPGCR/UEPA/CCSE/Belém, Pará. E-mail: lidiavalle1@hotmail.com

3Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade do Estado do Pará-PPGCR/UEPA/CCSE/Belém, Pará. E-mail: denisefig@gmail.com

***Resumo:*** *A romaria do Círio de Nazaré configura-se como um fenômeno religioso, rico no complexo mitológico-ritual, retratado a cada ano de forma circular com base no seu mito de achado, com a santa peregrina. Hoje os momentos e celebrações da festa, assim como seus símbolos e ícones são objetos de adoração e devoção, de resgate de uma memória dita coletiva religiosa, passada e repassada como herança histórica e identitária de um povo nazareno. O presente trabalho visa tratar deste fenômeno enquanto experiência com o sagrado como objeto de memória e identidade nacional e local no imaginário do catolicismo popular paraense. Busca-se compreender o imaginário que norteia os espaços sagrados e profanos da festa, assim como os principais ritos de passagem da celebração da Nossa Senhora. A metodologia utilizada deu-se por meio de pesquisa bibliográfica e etnografia virtual, a coleta de dados através do ambiente virtual, com base artigos científicos referentes à temática para comprovação ou negação dos objetivos propostos e nos conceitos e discussões traçadas pelos teóricos clássicos: Rudolf Otto e Mircea Eliade (a experiência com o sagrado); Halbwachs, Pollak e Hall (memória e identidade). Assim pode-se constatar que a celebração nazarena vai além da experiência religiosa que o homo religiosus vive, é uma integração entre o sagrado/profano nos espaços da festa, em meio às comidas, danças, brincadeiras e jogos, entretenimento e lazer. Os acontecimentos da romaria ciriana passaram a ser tradição da festa, uma memória herdada e construída com o oral e visual, a partir de fatos sociais.*

**Palavras-chaves:** cultura nazarena. mito fundacional. tempo festivo.

***Abstrat:*** *The pilgrimage of the Círio de Nazaré is a religious phenomenon, rich in the mythological-ritual complex, portrayed each year in a circular way based on its myth of discovery, with the holy pilgrim. Today, the moments and celebrations of the feast, as well as its symbols and icons, are objects of adoration and devotion, of the rescue of a memory called religious collective, passed and passed on as historical and identity heritage of a Nazarene people. The present work aims to deal with this phenomenon as an experience with the sacred as an object of memory and local national identity in the imaginary of popular Catholicism in Pará. It seeks to understand the imaginary that guides the sacred and profane spaces of the feast, as well as the main rites of passage from the celebration to Our Lady. The methodology used was through bibliographical research and virtual ethnography, the collection of data through the virtual environment: scientific articles referring to the theme to prove or deny the proposed objectives. Based on the concepts and discursions in this respect drawn by the classical theorists: Otto and Eliade (the experience with the sacred); Halbwachs, Pollak and Hall (memory and identity). Thus it can be seen that the Nazarene celebration goes beyond the religious experience that the homo religiosus lives, it is an integration between the sacred / profane in the spaces of the party, in the midst of food, dancing, games and games, entertainment and leisure. The events of the cirianaromaria became a tradition of the party, an inherited memory is built with the oral and visual, from social facts.*

**Keywords:** Nazarene culture. Myth of foundation.Festive time.

1. **INTRODUÇÃO**

O chamado **Natal dos Paraenses** é como o povo devoto de Nossa Senhora de Nazaré reconhece e se refere a maior romaria popular religiosa brasileira, o Círio de Nazaré. Conhecido assim, por representar e exaltar no paraense o mesmo sentimento dos festejos natalinos para a comunidade universal, com menor valor comercial, mas com tradições similares: a mesa farta, os presentes, o sentimento de **Feliz Círio**, a espera, a própria “Senhora”, a renovação não só do espírito, mas de bens físicos, como o que acontece na virada do ano, expressada pelas roupas novas, casa e móveis novos (ROCQUE, 2014, pag. 11). Reconhecido a nível nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN), como patrimônio imaterial de cultura.

Um evento do povo para o povo como afirmam as literaturas sobre a festa, diferente das procissões religiosas ordenadas e classistas, foi escolhido e eleito pelo povo como o dia máximo a **Nossa Nazinha** (MAUÉS, 2011; ROCQUE, 2014; LATIF, 2014, RAMOS, 2015). No início ocorria em datas aleatórias, conforme a demanda eclesiástica e econômica, como um complemento da festa agrícola do arraial, hoje é o oposto, é esperado com intensa preparação até que chegue o segundo domingo de outubro. Sobre esse aspecto, o historiador Rocque aponta que a composição da festa sofreu inúmeras transformações e ganhou novos elementos (2014): o translado mudou, o dia, os horários e as formas de homenagens, assim como a inserção de novos símbolos e ícones desde sua primeira edição, em 1793, tornando-se um “complexo ritual” religioso (ALVES, 2005, p. 315).

Ao considerar o que vem gerando as transformações ao longo das festividades, destacamos que os mitos ocidentais, principalmente, os que sobreviveram à revolução tecnológica das comunicações de massa e de consumo, tiveram diversas alterações ao longo dos anos, a fim de diminuir seu esvaziamento e do rapto do sentimento mítico original, o qual cria novos adereços para alimentar uma nova fonte de sentido identitário (LATIF, 2014, p. 25). Essa identidade pode ser caracterizada como a do sujeito sociológico que trata Stuart Hall (2003, p. 10): como aquele que cria sua identidade a partir de relações sociais com aqueles sujeitos importantes, com símbolos, valores e sentidos, nutrientes da cultura, onde “a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade (op.cit.p. 11). Os diversos elementos inseridos na romaria e os antigos transformados agem como um gatilho para memória, um fator externo que transporta seu receptor para o lugar, espaço e tempo do evento observado, o qual possibilita ao receptor e/ou grupo identificar- se, e se vê no conjunto da própria representação. (POLLAK, 1992, p. 201).

Com quinze dias de festa, fora a romaria oficial no segundo domingo de outubro, o Círio de Nazaré, nos afirma Silva (2014), consta de uma sequência de rituais, manifestações e atrações para os devotos, visitantes e turistas. São realizadas 11 romarias oficiais, um ciclo de celebrações religiosas e místicas, com aspectos que entrelaçam o sagrado e o profano, numa dimensão moderna. Sobre o entrelace anunciado, é comum na prática religiosa associar a fé à festa, fazer da reza um ritual festivo e colorido, o povo imerso ao sagrado, com um objetivo comum, cumprir sua missão com alegria e seriedade, a partir do mito de origem.

 Hoje está romaria é a representação de uma cultura, visto que seu complexo mitológico-ritual (LATIF, 2014, p. 38) é a própria descrição de uma cultura, da cultura do povo nazareno, por transmitir conhecimento, experiência e hábitos de um conjunto complexo de indivíduos por meio de mitos, ritos, manifestações de fé, resultantes de um longo processo acumulativo de numerosas gerações, que se unem em torno de uma fé maior, um **Divino**, Nossa Senhora de Nazaré. A santa ultrapassa o tempo e molda seus novos devotos, se transfere para espaços e tempos diversos, onde o sagrado se manifesta conforme a ação e crença do fiel, podendo estar presente num mero pedaço de papel, cultuado e esperado como marco de um evento grandioso.

Pollak (1992, p. 201) elucida que recursos externos, podem trazer a tona memórias individuais (momentos fora de seu tempo, herdadas), memórias coletivas de eventos políticos e religiosos (esquecidos ou mesmo silenciados). Fenômenos construídos a partir de flutuações históricas, de transformações econômicas, sociais, politicas e étnicas. Uma memória coletiva inserida em monumentos ou documentos da coletividade: patrimônios arquitetônicos, paisagens, datas e personagens históricas, cuja importância é relembrada nas tradições e cultura de um povo Essa coletividade dita a hierarquia das memórias comuns a um grupo e as diferencia das demais memórias de outros grupos, possibilita o sentimento de pertencimento e identidade (HALBWACHS, 1990, p. 96).

Deste modo a cultura nazarena atua como uma identidade nacional e local, que mesmo com a globalização e suas atenuantes mudanças na sociedade moderna, permanece viva e sentida por todos os fiéis e até por aqueles ditos não crentes nos milagres. Sentimentos são aflorados na romaria, no caminhar com a santa, ou como um dos versos cantados no dia máximo a Ela: “Maria! Venha caminha com seu povo!”. Essa grandiosa manifestação de fé, tanto numérica quanto estética, funda-se principalmente, no mito fundante do achado da peregrina na capital paraense, com elementos que se entrelaçam entre a devoção católica portuguesa e a devoção nazarena do catolicismo popular.

 Na capital paraense, em Belém, a cultura do venerar a santa surge segundo alguns autores (FRUGOLI & BUENO; FIGUEIREDO; MAUÉS; BONNA) com o caboclo Plácido, que ao caminhar pela beira do riacho do Utinga, a fim de saciar sua sede, se depara com a imagem da santa entre pedras, levando-a consigo e oralizando seu achado. Todavia, no dia seguinte a santa havia sumido e reaparecido no mesmo lugar no riacho, em 1700. O caminho que santa percorre nos braços de Plácido e depois retorna, segundo o mito, para seu lugar de origem é simbolizado e **reatualizado** no trajeto da romaria do Círio.

 A veneração a Nossa Senhora de Nazaré, todavia, surge séculos atrás ao seu achado por Plácido, em Vigia, no entanto, é com o Círio, associado ao seu achado por Plácido, que ela ganha uma imensurável repercussão, graças à decisiva participação popular, as lendas em torno da imagem, assim como os milagres atribuídos a ela. E em 08 de setembro de 1793, numa quarta-feira à tarde, a primeira procissão oficial do Círio ocorre em conjunto a uma feira de produtos agrícolas, organizada pelo presidente da província, Francisco de Sousa Coutinho (AMARAL, 1998).

 No Pará, segundo Maués, ela já era cultuada em Vigia, e muito antes disso em Portugal, 1179, com Dom Fuas Roupino. Atualmente podem-se visualizar os possíveis locais do achado e início da devoção no decorrer do translado da romaria, com seus carros dos milagres (alusão ao milagre de Dom Fuas), com os cânticos, barcos e lembranças da festa (MAUÉS, 2011, p.14).

 É na capital que o primeiro Círio ocorre com a ritualização do mito, como a romaria deslocando a santa de um ponto a outro. Esse momento de certa forma é revivido no coração do povo que acompanha as manifestações, que peregrina de sua cidade natal até a capital, que ritualiza e sacraliza a cidade como um todo. Um momento fascinante e imensurável para o fiel pagador de promessas. Desde sua primeira aparição cria-se um imaginário repleto de história, espacialidade, personagens, e imagens simbólicas, ícones do sagrado.

 A romaria estende-se para bem mais que um dia, a quadra Nazarena estende-se por 15 dias, nos quais são realizadas 12 romarias oficiais: o Traslado, o percurso da Basílica de Nazaré pelas ruas da cidade até a Igreja matriz, no município de Ananindeua; Romaria Rodoviária, do Município de Ananindeua para Vila de Icoaraci; Romaria Fluvial, da Vila de Icoaraci, pela Baía do Guajará para o Porto de Belém; Moto-Romaria, de moto do porto até o Colégio Gentil Bittencourt; Transladação, a procissão a luz de velas, onde se recorda o mito do retorno, da Basílica de Nazaré para a Catedral Metropolitana. A Procissão do Círio, a festa maior, com início às sete horas da manhã com a entrada da santa na Berlinda, culminando com a chegada na Basílica, dando abertura ao almoço do Círio; Ciclo-Romaria, realizada no sábado posterior ao Círio, com saída da Praça Santuário; Romaria da Juventude, comunidades juvenis de várias paróquias se reúnem para louvar a imagem; Romaria das Crianças, no primeiro domingo após o Círio; Romaria dos Corredores, corrida de pouca velocidade de 8 a 9 km/h para acompanhar a santa; Procissão da Festa, realizada na manhã do segundo domingo após o círio; Recírio, a procissão de despedida.

O momento do qual o povo paraense espera durante os seguintes 11 meses do ano, contanto a partir do término do Círio do ano corrente, vários elementos giram em torno desta festa na capital, a cultura, o social, a economia e o comércio de todos os gêneros. Contam-se cada dia, da apresentação do cartaz oficial até o dia principal, o domingo de Círio, e seu termino com a volta da santa a sua morada, o Recírio, revivendo a cada ano o mito e a tradição de seu achado.

 Todos os elementos que compõem o complexo mitológico-ritual (as romarias, translado, homenagens, espaços sagrados e profanos, igrejas, as imagens, fotografias, propagandas e publicidade, a mídia, os cânticos, e variadas lembrancinhas) detém do poder de instalar-se na memória do receptor devido o seu caráter repetitivo retórico, mesmo não estando no momento do trajeto tais elementos os levam ao momento crucial da romaria. Halbwachs (1990, p. 55) em suas pesquisas a respeito de memória coletiva enfatizava que ela estava diretamente ligada aos **fatos sociais**, pois interagia com a consciência individual e, posteriormente, com o modo de agir do sujeito no convívio em sociedade, e vice-versa. Logo de uma **construção social**, organizada a partir das afinidades cultivadas entre indivíduos e grupos, o sujeito só se recorda quando participa de algum grupo social (RIOS, 2013, p. 04), como de um grupo religioso, herdando a memória/história da crença que se construiu o fenômeno religioso.

 Para Pollak (1989a; 1992b) a construção da memória, seja individual ou coletiva, parte de três elementos indispensáveis: os acontecimentos, as pessoas ou personagens e os lugares. Os acontecimentos como eventos dos quais as pessoas poderiam ou não ter participado, sozinho ou em grupo, ou um evento herdado via oralidade; os personagens, aqueles que integram a lembranças, os atores chaves do processo; e o lugar onde o fato aconteceu, presente ou passado. Esses três elementos acabam por caracterizar a dita identidade nazarena.

 Este artigo visa contribuir para análise do fenômeno religioso da maior romaria nazarena do mundo, objeto de fé e devoção, de resistência e identidade nacional. Onde o sagrado e o profano, mito e rito, **Nazinha** e os fiéis, unem-se, e se consolidam como objetos de resgate de uma memória coletiva herdada e marcada como uma identidade da cultura nazarena, vivida e revivida por todos os devotos presentes ou não na festa, como forma de experiência com o *numinoso*.

1. **A LEMBRANÇA SOCIAL DE UM MITO: acontecimento, personagem e lugar**

Para comunidade devota paraense, residente dentro e fora da capital, o Círio, inicia muito antes do próprio mês de outubro, seus preparativos começam antes do fim do ano, e nos últimos 10 anos, em maio tem-se a primeira celebração oficial do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, o lançamento do Cartaz, marcado por uma grandiosa celebração e aguardado por fervorosos fies e devotos, assim como pela imprensa local. É a porta de entrada para todas as comemorações e para todos os espaços sagrado e profanos aonde a santa peregrina. Com formas e tamanhos diversos, sendo um dos principais ícones/símbolos desta festa. Deixa de ser um mero cartaz para o devoto, assume o papel de pôster, um ícone de adoração.

O mito de origem amazônico do achado da Santa é inserido anualmente e de formas variadas nos cartazes cirianos, reinventa-se a partir de novas informaçõesda contemporaneidade. Tematizam um ou vários aspectos dessa grandiosa celebração a Senhora de Nazaré, com o intuito de promover e informar, a memoria coletiva ativa-se a partir dos elementos de identidade cultural,inseridos, propositalmente, na peça, um gatilho ou recurso externo para trazer a tona momentos do passado de um grupo, fora do seu próprio tempo e espaço, *acontecimentos vividos por tabela* como afirma Pollak (1992, p. 201):

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLAK, 1992, p. 201).

Ademais, as informações visam retomar acontecimentos do passado, vivido a mais de 200 anos, mas lembrado no presente, gravado na memoria individual e coletiva por ser o que chama Halbwachs: um **fato social**, ou uma “lembrança como fenômeno coletivo” (1990, p. 11),um momento histórico inserido na tradição cultural do povo paraense, por ser uma construção social, estabelecida a partir de analogias mantidas entre os indivíduos e grupos (RIOS, 2013), como o acontecimento do achado da Santa, todo devoto sabe de cor esse mito: (FRUGOLI & BUENO; FIGUEIREDO; MAUÉS; BONNA) surge, na capital paraense com o caboclo Plácido, em 1700. Nesse ponto, Halbwachs, esta correto em afirmar que a memória não é biológica, surge como resultado da interação do individuo com outros, surge quando este pertence a algum grupo social, podendo acessar lembranças na categoria de membro de um conjunto (RIOS, 2013, p. 04).

Uma vez que “fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras” (HALBWACHS, 1990, p. 16). Logo o sujeito atua como um instrumento da memória, e mesmo com memórias individuais necessita de mecanismos impostos pelo meio social para se expressar, “os quadros sociais da memória”, os quais determinam os fatos a serem lembrados, esquecidos, silenciados ou comemorados pelo sujeito.

Essas lembranças de acontecimentos sociais, atemporais ao próprio momento do inicio da devoção da Santa pelos paraenses, concorda com as lembranças dos indivíduos, e com o seu imaginário, que criam a partir de leituras e discursos, uma narração dos fatos do passado.

Como o seu em Portugal, esculpida por São José, passando para São Jerônimo, depois para Santo Agostinho, e em seguida a um monge romano, por fim ao rei Rodrigo dos visigodos, que a abandonou numa gruta por séculos, ate ser encontrada por pastores. Bonna explana que em 1179, no reinado de Afonso Henrique, um pastor a encontrou no monte Siano, perto da sepultura do monge romano. Muitos visitavam aquele monte para adorar a santa, Dom Fuas Roupinho era um deles, um vencedor de batalhas, e em uma de suas caçadas se deparou com um precipício, soltando as rédeas quando caçava um veado, onde sua matilha caíraa baixo, pede a ajuda de Nossa Senhora, na hora o cavalo para, volta de ré e finca as patas trazeiras nas pedrarias. Dom Fuas manda erguer a Capela da Memória, no alto precipício, contendo as relíquias de São Braz e São Bartolomeu, e o pergaminho do monge romano (BONNA, 1993).

No Estado do Pará, com base nos estudos de Maués, o culto a Nazaré inicia-se em Vigia, 1967 com o jesuíta José Ferreira, o qual encontrará devotos à imagem nos escritos de Betendorf de 1910 (2011, p. 14), tal teoria confirma-se nos dados do Dossiê I IPHAN:Círio de Nazaré (2015), que o culto surge em Vigia por volta de 1653 com os jesuítas. Observa-se que nesses três mitos do achado, alguns elementos se repetem: a)os acontecimentos ou fatos históricos, acontecimentos dos quais o individuo pode ou não ter participado, ou vivido por tabela, ou herdado (como o mito do achado de Plácido, e o próprio achado nas três narrativas); b) a pessoa ou personagens, encontrados no decorrer da vida, ou que não pertence ao espaço-tempo da pessoa, que nos acompanha inserindo-se nas tradições e costumes (tudo gira em torno dela, a senhora de Nazaré, atua como figura publica); c) lugares da memória, frequentados ou não, mas que foram incorporados na sua experiência de vida (os locais percorridos pela santa com as igrejas, ruas e o igarapé do achado, hoje lugares santos e turísticos) (POLLAK, 1989; 1992).

Observa-se que a veneração a Nossa Senhora de Nazaré surge bem antes de Plácido, mas é com a romaria do Círio de Nazaré, na capital paraense, em Belém,que ela se expande, nacionalmente e internacional, hoje não é a devoção de Nossa Senhora de Portugal, mais sim devoção a **Nossa Nazica, Nazinha, Mãe dos Paraenses, Rainha da Amazônia**. No contexto nazareno, a santa e conhecida por diversos nomes e milagres, nomes criados por devotos de gerações passadas, lendas e contos de milagres relatados e contados na oralidade dos antigos.

A memória é passada e repassada por fotos, contos, musicas, imaginários repletos de significação e sentidos, Rios (2013, p. 09) explana que a memória da qual trata Pollak envolve não só memórias vividas, mas memórias passadas ou herdadas, estudadas, comunicadas aos indivíduos pelos grupos aos quais fazem parte por meio do processo de socialização. Neste repasse de informações, alterando-se o fato como no dito popular “quem conta um conto, aumenta um ponto”, mesmo os momentos vividos pelo sujeito sofrem alterações ao serem repassados para coletividade.

1. **OUTUBRO FESTIVO: o imaginário religioso nos espaços profanos na festa da Nazinha**

A experiência religiosa antes de tudo é uma experiência humana e relacional, com os mundos, homens e sociedade. Assim como é participativa e grupal, vivida e revivida a cada momento que é expressa, seja, por palavras, gestos, ou narrativas. É a partir dela que o sujeito de fé interage com o *numinoso* (a padroeira do Pará) na busca de vivenciar o “Totalmente Outro”, o sagrado, de reviver os passos dos seres divinos. Nesse contexto quem assume o papel desse **outro** é a nossa Senhora de Nazaré, com seus Mistérios fundantes, a provocar nos fiés os mais enlouquecedores sentimentos, e elementos pertencentes ao *numem.*

**Nazinha** provoca nos seus devotos o chamado *Tremendum* de Rodolfo Otto, mesmo o autor não ter tido conhecimento ou presenciado este evento, pode-se fazer uma relação das suas teorias com os momentos que os fies vivem no mês de outubro na capital paraense. Os elementos do numinoso podem ser descritos e observados nos diversos espaços profanos/sagrados em que a santa passa. Assim como em suas linguagens religiosas (símbolos, mitos e ritos). Uma festa que mexe com os sentimentos, cria um vínculo eterno entre o devoto e o devotado, um sentimento que enche a alma, de submissão e benevolência, de amor e ódio, de fé e temor pelo desconhecido, impalpável e incalculável. Otto o chama de *Misterium Tremendum*:

Sentimento do mistério que causa arrepios. O sentimento que provoca pode espalhar-se na alma como uma onda apaziguadora, a que se segue então a vaga quietude de um profundo recolhimento. Este sentimento pode assim transformar-se num estado de alma constantemente fluido, semelhante a uma ressonância que se prolonga durante muito tempo, mas que acaba por extinguir-se na alma que retoma seu estado profano. [...] Pode levar a estranhas excitações, ao inebriamento, aos arrebatamentos, ao êxtase (OTTO, 1900, p. 22).

Esses ditos espaços profanos e sagrados são qualificados não pela sua impureza, mas pela experiência que o homem vive com ele, principalmente o homem não religioso, que não vive a sacralidade do mundo. Um espaço sagrado permite a existência e a experiência com um “ponto fixo” no meio da fluidez informe do espaço profano, um ponto de orientação ao mundo caótico, no **Caos**, um *Imago Mundi* ou *AxisMundi*[[4]](#footnote-4), um lugar sagrado para o universo sagrado do ser, cria níveis entre a terra e o céu, uma comunicação com o transcendente. Opondo-se aos sagrados, têm-se os espaços profanos que permitem uma experiência homogenia e relativa do espaço, sem orientação, não goza de sacralidade, apenas atende as necessidades diárias do seu vivente, são apenas fragmentos de universos, pelos quais ele passa, sem nenhuma ligação emocional.

Outro aspecto a ressaltar para analisar as discussões propostas nesse artigo seria a definição de tempo, sagrado e profano, ambos descontínuos e heterogêneos, que marcam o tempo das festas, o tempo ordinário, onde o religioso vive sua fé, mais vigorosamente em certos períodos, como no caso do Círio, onde o tempo de fé e os espaços sagrados, antes profanos, são marcados pelas hierofanias de outubro. O tempo sagrado é um tempo reversível mítico tornado presente, reatualizado em um evento sagrado que teve lugar num tempo passado mítico. Marca a saída do tempo ordinário e a reintegração do tempo mítico, e na cultura paraense marca o inicio e fim de um ciclo, repetitivo anualmente como na festa ciriana, não muda nem se esgota. Todo ano a fé dos devotos se renova, e os sentimentos de gratidão, amor, plenitude, benevolência, fervor, o *misterum tremendum* floresce em cada cristão e ate aqueles de outras religiões e sem religiões, se comovem e interagem indiretamente com esse grandioso evento.

Logo vivenciar o tempo sagrado e viver o tempo divino, o tempo dos seres sagrados, aqui o tempo do achado de nossa padroeira, antes do “totalmente outro”, não existia a festa, de acordo com o Dossiê do Círio do IPHAN (2015), a devoção à santa advém da cultura portuguesa, principalmente, com Dom Fuasa presenciar um misto de sentimentos, ao clamar por um milagre, o *Misterium Tremendum*, o terror, clamor, amor, piedade, benevolência com presença sagrada da santa naquele momento. Do caos surge o sagrado, o cosmo, o ponto fixo ou Centro do sagrado, o mundo profano é transcendido, o que antes era um local de pré-morte, um penhasco, agora o limiar[[5]](#footnote-5), a porta para o divino, o limite entre os dois mundos.

Os acontecimentos de Portugal a Belém, de certa forma são revividos no coração do povo a acompanha as manifestações, a peregrina de sua cidade natal ate a capital, a ritualiza e sacraliza a cidade como um todo. Um momento fascinante e imensurável para o fiel pagador de promessas.Para Eliade (1992, p. 38), esse momento ou *ab origine, in no tempore* é um tempo sagrado, na forma de um tempo circular, reversível e recuperável, um eterno mítico presente que o homem reintegra por meio do rito, marca também o ser que o vive, o homem religioso e o não religioso, um recusa-se a viver no presente histórico, busca relacionar-se com o sagrado dentro de si e com o além, com a “eternidade”, o mistério do transcendente. Igualmente e diferente, o tempo profano, que para o não religioso e apenas o tempo de trabalho, lazer, férias, de contexto pessoal, esse tempo é apenas uma experiência humana sem interferência divina, e existencial, com começo, meio e fim, com a morte, o fim da sua própria existência no mundo terreno.

Algo estranho e desconcertante, fora dos domínios das coisas habituais, conhecidas e familiares, se opõe a ordem das coisas, nos enche de espanto que paralisa. Necessita da imaginação do ser religioso, para criar a representação do que seria esse **outro**, inexistente na nossa realidade, e ao reconhecermos como sagrado, divino, rico em sentimentos, opondo-se ao natural, revelando-se como sobrenatural ou transcendente (designações positivas quando aplicadas ao misterioso), tornando viva uma realidade inexistente, e ate inalcançável como a realidade da aparição da padroeira no Pará, em solo profano, do cotidiano dos moradores da época, que passa a ser sagrado a partir desse evento.

A energia que emana de tudo relacionado à santa provoca no sujeito e no povo religioso, um caleidoscópio de emoções, uma “Orgê” que motiva o religioso, uma cólera de amor, de paixão, de sensibilidade, vontade de força, de impulso, uma força sobre-humana; Podemos presenciar e constatar a existência dessa energia que emana nos promesseiros, que percorrem milhares de quilômetros a pé, de bicicletas, com artefatos grandiosos com o intuito de agradecer. É um elemento do numinoso cuja experiência põe o religiosos em estado de atividade, de ação, excita o zelo, provoca excitação e energia, seja na luta cotidiana, ou nos atos religiosos, é o *Tremendum Majestas*[[6]](#footnote-6)*.*

A festa engloba dois mundos opostos e complementares, o sagrado com as cerimonias, romarias, peregrinações e “pagamento de promessas”; e o profano, com o arraial, músicas diversas, comerciantes, ambulantes, locais para o entretenimento e lazer dos visitantes e turistas que buscam diversão; com as festas memores como a da Chiquita e o próprio almoço do domingo. Tal como foi explanado a respeito do limiar que se instaurou no penhasco de Dom Fuas, os espaços onde ocorre a festa nazarena e os locais de passagem também marcam o novo limiar desses mundos, inúmeros locais de comunicação ou de mediação com a Nazinha (as igrejas pelas quais ela peregrina nos 15 dias de festa, as avenidas e ruas que passa por toda capital), tal como é nele que se oferecem os sacrifícios, que se agradece o milagre concedido.

Com mais de dois séculos de história, marcada pela motivação e reafirmação da fé em Nossa Senhora de Nazaré, a festa, nutre a esperança e o sentido da vida, da proteção aos riscos, quebra o individualismo exacerbado que compromete o equilíbrio entre o publico e privado. O Natal do paraense, a festa que uni homem e fé, que marca o inicia e fim do ano, Figueiredo (2005) a define como uma mistura de carnaval com procissão religiosa, para ele:

São varias “festas”, não duplas, nem contraditórias, mas múltiplas. A principal personagem é a santa, que está em todos os lugares. Aqui e ali, nas casas, no interior de oratórios ou em cima da cômoda, seja a imagem em gesso, seja o “retrato”. Está na parede externa das casas nos cartazes cujos motivos mudam a cada ano. Está também nas pessoas, nos botons, e broches, nos bonés, nas camisas, nas fitinhas, tudo com a estampa ou com o nome “Nossa Senhora de Nazaré” (FIQUEIREDO, 2005, p.20).

As festas criam espaços para uma comunidade e sociedade, transforma a vida cotidiana de todos eliminando o comodismo, proporciona nas pessoas sentimento que já foram explanados anteriormente. Uni mundo sagrado festivo, seus participantes vivem o intensamente cada momento da festa seja sagrada ou não, se unem e se comunicam no mesmo fervor. Desperta o sentido profundo na consciência de um grupo, culturaliza, gera modelos de ação e novos produtos de consumo. É um grandioso evento marcado pelo profano e sagrado, juntos, interlaçados na fé e no espirito festivo de seus participantes, observa-se essa junção de dois mundos, principalmente nos símbolos do círio: arraial, com um misto de adoração e entretenimento; festa da chiquita, como a festa literalmente profana da santa; almoço do círio, mais esperados por todos, devotos ou não, que baliza a caminhada maior, a onde todos estão liberados para o comensalismo e comemoração da chegada da santa a sua “casa”.

1. **DO CAOS AO COSMO: os passos e símbolos cirianos que consagram os espaços profanos**

Hoje a festa do Círio tem quinze dias de duração, sendo as principais manifestações e procissões na semana do círio, onde a “imagem peregrina” é levada em carreata pelos principais pontos da capital. Começa o tempo sagrado de Nossa Senhora e a peregrinação do nosso Cosmo, ou a criação de outro mundo no qual a santa “caminha”, sacralizando um território que rompe fronteiras, cosmogonizando-o, permitindo ao homo religiosus viver, passar pela experiência do mistério na presença dela, onde tudo é emproou da sua passagem. Na sexta-feira ela sai da Basílica Suntuária e passa pelas avenidas Nazaré, Magalhães Barata, Almirante Barroso e BR-316 rumo a Ananindeua e Marituba, percorre os bairros da Cidade Nova e Paar, passa a noite em vigília na Igreja Nossa Senhora das Graças.

Na manhã de sábado a imagem e levada em romaria rodoviária a Icoaraci, aonde milhares de fies a aguardam para celebração da missa, e após a imagem embarca e segue viajem na romaria fluvial para Praça Pedro Teixeira, com chegada à escadinha do Cais do Porto, começa a moto-romaria, que segue para o Colégio Gentil Bittencourt. Na noite de sábado ocorre a transladação, a procissão a luz de velas, após a missa das 17h, no Colégio, os fies se dirigem a Igreja da Sé, fazendo o trajeto inverso da procissão do domingo, e finalmente o Círio no domingo, seguido do almoço festivo, e após quinze dias ao Círio, temos o Recírio, o retorno da imagem peregrina a sua casa.

Para Figueiredo os principais deslocamentos que a santa sofre, são quatro: a romaria fluvial, a transladação, o Círio e o Recírio. Amaral (1998) considera as procissões do Círio, o arraial e o almoço do Círio, os principais eventos, mais significativos da festa como um todo. Observa-se como o inicio e termino de um ciclo de espaços e fragmentos de passagem sacralizados com a peregrinação da santa. A cidade se torna outro mundo, outro cosmo, onde o caos não existe mais, e se existe esta por de trás das nossas fronteiras territoriais. A cidade se veste de luz, fé e devoção. O simbolismo é fortemente presente em todos os cantos do estado e fora, para aqueles que o vivem em seu pequeno templo sagrado nas suas moradas, revivendo seus momentos ou mitos cosmogônicos[[7]](#footnote-7).

É a santa que sacraliza e consagra por onde passa, ela é o eixo central, ou o eixo cósmico que Eliade(1992, p. 23) exemplifica, tal como o poste sagrado (kauwaauwa) dos *Arunta*, onde vive a tradição do Ser divino *Numbakula*. Relaciona-se com um dos principais rito e tradição ciriano, as chamadas novenas nazarenas, onde os fiés recebem na sua casa a imagem da santa para abençoar aquela morada, tornando-a sagrado aos olhos do povo e de Deus. Assim como o poste sagrado sustenta e uni o Céu e Terra para os Arunta, qualificando-se como seu *AxisMundi*, a imagem peregrina também o representa, pois nos guia, e é a nossa comunicação direta com o supremo.

Em todas as festas religiosas populares existem signos e ritos, considerados como elementos simbólicos da devoção nazarena, marcam mais que os outros, na Festa são diversos: a corda, a berlinda, o cartaz, as fitinhas e suvenires vendidos nesse período, assim como os eventos, os ritos dentro das comemorações, os principais rituaissão: Arrastão do Pavulagem, o Arraial, Romaria Fluvial, Festa da Chiquita, o Almoço do Círio e o Recírio. A experiência religiosa com o símbolo é um fenômeno grupal, participativa, sendo a própria festa esse fenômeno. Uma vez que a experiência tende a expressão religiosa, uma comunicação do vivido, uma nova vivência do mistério para o novo ouvinte, podendo ser recriado pelos símbolos, mitos e ritos. Logo para se chegar ao Sagrado necessita-se de algo para mediar essa comunicação, algo entre o ser religioso e o Sagrado.

* O ARRAIAL

O Arraial é o espaço de maior concentração de pessoas, de encontros familiares, de casais e de amigos, contrapondo os dois lados da festa, sagrado e profano, ao mesmo tempo em que a festa é um local para adoração à santa, e um espaço para o lazer e entretenimento dos cristãos, devotos ou não, pois abarcam vários tipos de pessoas – crianças, jovens, adultos, idosos, turistas, devotos, não cristãos, etc. – um misto de culturas. Sendo um dos adereços do Círio criados para incrementar a economia local. Inicialmente era uma feira agrícola, hoje faz parte do grandioso complexo do Largo de Nazaré, com barracas de comidas, bares, jogos, teatros e claro, o parque de diversos, sendo um dos atrativos mais esperados pela população paraense dentro das festividades, assim como as barracas de brinquedos de miriti.

Neste local circulam diversas camadas sociais, a circularidade cultural predomina em todos os ambientes de manifestações religiosas, nas igrejas, nas romarias, no próprio arraial, com espaços para todos os níveis, a adoração ocorre nas diversas classes sócias. Um movimento que circula de baixo para cima e de cima para baixo, não só financeiramente, mas culturalmente. Essa circularidade vai além das misturas de classes, ela permeia nos significados que cada rito, manifestação, símbolo e signo religioso, no saber individual ou coletivo do(s) romeiro(s), promesseiro(s), visitante(s) ou turista(s), dita valores concretos ou abstratos, o que é sagrado e o que é profano.

E ao longo dos anos novos adornos foram incorporados ao arraial, como danças e musicas populares, contudo as autoridades eclesiásticas e a diretoria da festa tem tentado evitar os excessos e manter o equilíbrio nesta parte profana da festa sem perder seu caráter religioso e sagrado, criando essa amalgama que é o Círio de Nazaré: festa, sagrado, profano e divino.

* A ROMARIA FLUVIAL: A PROCISSÃO NAS ÁGUAS

A romaria nas águas foi uma criação do então presidente da Companhia Paraense de Turismo (Paratur) na época o jornalista Rocque, duzentos e onze anos depois do primeiro círio, em 1986. Uma procissão de barcos dos mais simples aos mais incrementados, com vários níveis de classificação fluvial que participam não só da romaria, mas do concurso de melhor barco ornamentado com a temática da santa, assim com também participam as empresas de turismo, com seus barcos temáticos e ambientados com toda cultura paraense e uma linda festa na beira da baia do Guajará.

Esse evento marca a devoção e presença dos pescadores na festa maior, uma das mais bonitas homenagens, que termina na escadaria do porto e da inicio a romaria das motos. Com o fim da romaria iniciam-se as festas dentro dos barcos de passeio, com café da manhã e danças típicas, assim como na própria Estação das Docas e Ver-o-Peso. Consiste em outro momento em que o profano e o sagrado se unem, sagrado enquanto enaltece ao divino, ao totalmente outro ali presente na imagem de Nossa Senhora de Nazaré, e profano com o comensalismo comercializado depois da romaria.

* A FESTA DAS FILHAS DA CHIQUITA

Desde 1978 realiza-se essa festa fora do poder e repudiada pela diretoria da festa e pelas autoridades eclesiásticas. Ocorre em frente ao Bar do Parque, sempre as vésperas do Círio, com os famosos prêmios “Veado de Ouro” e “Rainha do Círio”, com a participação de artistas locais, com diversas referencias a Nossa Senhora de Nazaré como forma de resistência, de contestação, de reconhecimento social e garantia de espaço pelos homossexuais. Inicia após a passagem da transladação noturna da santa, reunidos homossexuais e simpatizantes da sociedade paraense. Ela faz parte das inúmeras celebrações do Círio, e atrai um número significativo de participantes, romeiros e fies que ficam ali depois da transladação, principalmente os promesseiros noturnos (calouros). Outro momento que consagra o caráter sagrado/profano dessa majestosa festa popular religiosa.

* O ALMOÇO DOS PARAENSES

Um dos maiores momentos da festa como um todo que literalmente integra o sagrado e profano em um só. Não existe na historia da devoção a santa, no seu mito, algo relacionado a comida, o almoço foi criado pelos devotos como “prêmio” após um dia de caminhada, força e fé. O qual tradicionalmente é servido após a chegada da santa a Igreja de Nazaré, é um símbolo vivo de confraternização e convivência, um evento social, voltado para reunir a família e amigos, o Natal paraense, uma vez que os mesmos sentimentos de fraternidade, compaixão, união e amor surgem em todos que vivem essa grandiosa festa. É profano por reunir todos numa grandiosa festa regada de comidas típicas, bebidas e dança que percorrem bem mais que o entardecer do segundo domingo de outubro. E sagrada, sim, sagrada, pois em nenhum momento se deixa de agradecer a ELA, que proporcionou todo esse momento religioso e espiritual de união familiar.

E nele que se agradecem as graças alcançadas como na ceia de Natal, que se fazem novas promessas e planejamentos futuros. Reencontros, de parentes distantes que aparecem no mês de outubro, visita de amigos íntimos e especiais, de todos com um foco “Salve Nazinha! A Mãe dos Paraenses!”, um momento especial com comidas especiais, preparadas impreterivelmente para esta ocasião: maniçoba e pato no tucupi nunca podem faltar, marcam a abundancia e prosperidade da família que o oferta a seus convidados. “*O comer junto, o compartilhar da tradição ganha o caráter de um símbolo e a força de ritual. É uma dimensão do Círio que promove a consolidação dos vínculos sociais bem como promove o sentido de pertencimento e de identidade”* (FRUGOLI & BUENO, 2014, p, 151).

* A QUEIMA DE FOGOS

A famosa queima de fogos que ocorre no ultimo domingo da quadra nazarena, marca o termina das procissões e romarias noturnas a Nossa Senhora de Nazaré, com uma missa solene no altar-monumento da Praça Santuário em frente à Basílica de Nazaré, encerrando as comemorações noturnas com a tão esperada “queima”. O largo, o arraial, assim como os espaços no seu entorno ficam “cheios” de grupos familiares, de amigos, casais, que ao mesmo tempo agradecem por estarem presentes naquele momento eterno, fazem seus pedidos e promessas para o Círio do ano seguinte. O ano novo ciriano, termina e inicia-se um novo ciclo. O ritual nesse evento é igual ao que se vive no ano novo, é a meia-noite a queima, todos se abraçam e desejam-se aos próximos votos fraternos, assim como a comemoração, regada de cantorias, comidas e bebidas, e no dia seguinte o Recírio, a celebração da subida, a onde a imagem volta a sua morada acima do altar da capela-mor da basílica, o nosso feriado ate o meio dia. Mais uma vez o sagrado une-se ao profano, as experiências religiosas se misturam entre romarias e festas típicas carnavalescas, com danças e musicas do nossa cultura.

1. **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo dos anos, décadas e séculos de adoração, fé, tradição e devoção popular, observou-se que a festa religiosa do Círio de Nazaré oscila na maioria, senão em todas as manifestações, entre as dimensões do sagrado e do profano, agregando valores concretos e abstratos aos seus participantes, cristão ou não. Relações sociais de afeto são criadas nesse período, espaços são sacralizado por onde a **Nazica** caminha. O tempo, o clima, o **todo** muda com a presença dela, a cidade se veste para recebê-la, a verdadeira e única *Majesta* dos paraenses, o povo se arruma e se organiza para esse evento, principalmente para o almoço do círio, um dos momentos mais emblemáticos, onde barreiras e fronteiras são diluídas entre as dimensões do divino e do santificado, uma identidade se constrói e é repassada como herança cultural aos novos devotos ou só pertencentes à tradição paraense.

Assim pode-se constatar que a celebração nazarena vai além da experiência religiosa que o *homoreligiosus* vive, é uma integração entre o sagrado/profano nos espaços da festa: no arraial, em meio às comidas, danças, brincadeiras e jogos; na festa das filhas da Chiquita, totalmente profana, mas a sua maneira celebra o respeito dos excluídos à **Nazica**; o almoço do círio, momento de agradecimento e benevolência carregado de comensalismo e festança; encerrando com o que chamo de **Ano Novo Ciriano**, com a queima de fogos a meia noite do ultimo domingo da quadra nazarena, fechando e iniciando um novo ciclo na vida dos devotos, organizadores e do próprio povo paraense.

Esses momentos da romaria ao longo dos anos passaram a ser tradição da festa, uma memória herdada é construída com o oral e visual, a partir de fatos sociais, relações dos indivíduos com o grupo cultural religioso. Os acontecimentos, lugares e personagens da historia do Círio (Pollak e Halbwachs) inserem-se no cotidiano do sujeito sociológico de tal modo, que este passa a se sentir no momento, a recordar fatos do cenário politico, econômico, social e cultural. O achado de Plácido ou os milagres de Maria, evento de séculos atrás, mais retificados e representados não só na romaria principal, mais nas peças de propaganda, nos fiéis com suas homenagens ou penitenciais (a tradição de vestir as crianças como anjos ou marinheiros). Essa memória coletiva, que se constrói da união das lembranças herdadas, do grupo, históricas e do sujeito, contribuem para criação da identidade dos indivíduos e dos grupos, para o senso de igualdade entre os membros, e determina as fronteiras entre os demais grupos e sujeitos, consequentemente, surgem “comunidades de sentimentos” no Círio sejam, na presença da santa ou em representações dela visuais, sonoras e materiais.

1. **REFERENCIAS**

ALVES, Isidoro. **A festa da alegria, da identidade e da paixão.** In: FIGUEIREDO, Silvio L. (Org.). Círio de Nazaré, festa e paixão. Belém. EDUFPA, 2005. ISBN: 85-247-0286-9.

AMARAL, R. de C. de M. P. **Festa à Brasileira**: significados do festejar num país ‘que não é sério’. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

BONNAR, Mizar. **Dois séculos de fé. Belém, Pa.** Editora CEJUP, 1993. 119 p.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Aspectos do mito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FIGUEIREDO, Silvio L. **Círio de Nazaré: festa e paixão**. In: FIGUEIREDO, Silvio L. (Org.). Círio de Nazaré, festa e paixão. Belém. EDUFPA, 2005. ISBN: 85-247-0286-9.

FRUGOLI, R; BUENO, M. S. o **Círio de Nazaré: relações entre o sagrado e o profano**. Turismo & Sociedade. ISSN: 1983-5442. Curitiba, v.7,n. 1, p. 135-155, janeiro de 2014.Dossiê: Megaeventos. Disponível em < http://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/37146>. Acesso em: 15/09/16.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Laurent Léon Schaffter. Editora Vértice, edição 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomas Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

IPHAN. **Dossiê IPHAN I:** Círio de Nazaré. Rio de Janeiro. ISBN: 85-7334-024. 2006.

LATIF, L. **A travessia de um mito de origem amazônico:** o Círio de Nazaré entre o moderno e o pós-moderno. Novos Cadernos Naea. v. 17, n. 2, p. 23-52, dez. 2014, ISSN 1516-6481 / 2179-7536.

MAUÉS, R.Heraldo.**Cristianismos amazônicos e liberdade religiosa:Uma abordagem histórico-antropológica.** (IN): Antropolítica Niterói, n. 9, p. 7–24, 2ºsem. 2000.

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Outra Amazônia:** os Santos e o catolicismo popular. Norte Ciência, vol. 2, n. 1, p. 1-26, 2011.

POLLAK, Michael.**Memória, Esquecimento e Silêncio.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_­­\_.**Memória e identidade social.** Tradução Monique Augras. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

OTTO, Rodolf. **O sagrado.** Lisboa. 1900. Edições 70, Brasil, LTDA.

RAMOS, José Maria Guimarães. **A aparição da imagem de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará**: análise da manifestação do sagrado na Amazônia. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Pará. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Belém, 2015.

RIOS, **Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. (**In): **Revista Intratextos**, 2013, vol5, no1, p. 1-22. DOI: http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102.

ROCQUE, C. **História do Círio e da Festa de Nazaré.** 1ª ed. Ampliada. Belém. IOE, 2014.

SILVA, Glauce V.; PONTES, Altem N.; BATALHA, Sarah S.A.; BENTES, Roberto S. **Turismo Religioso: estudo do impacto econômico do Círio de Nazaré na cidade de Belém, Pará.** Revista Turismo: Visão e Ação. Eletrônica, Vol. 16, n. 2. Mai-Agos. 2014. Disponível em <www6.univali.br/seer/index.php/rtva/article/download/7728/4412>. Acesso em: 15/09/16.

1. [↑](#footnote-ref-1)
2. [↑](#footnote-ref-2)
3. [↑](#footnote-ref-3)
4. Eliade explana que para um lugar tornar-se sagrado necessita de algo ou alguém que o sacralize, de um objeto ou totem, o *Axis Mundi*, que liga o mundo terreno ao mundo dos “Céus”, e os locais, como templos, palácios ou a própria casa são os chamados *Imago Mundi* do homem religioso e todos que buscam a experiência religiosa e o contato com o “outro”. O sagrado e o Profano, 1992, p. 24. [↑](#footnote-ref-4)
5. “Olimiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos – e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado”.Eliade, 1992, pag. 19. [↑](#footnote-ref-5)
6. O segundo elemento do numinoso, “o de poder, de força, de preponderância, de preponderância absoluta”, majestade. Logo *TremendumMajestas*, temor a majestade, de forma literal, temor a algo maior de certa grandeza, que provoca no *homo religiosus* sentimentos existencialistas de si e dos outros, a humildade religiosa, o sentimento do nada da criatura, onde o nada é tudo ao mesmo tempo, tem-se os sentimentos de submissão e dependência com o “Totalmente outro”, o mistério transcende a realidade e vira uma nova, a criatura, agora nada perante o sagrado, vê em tudo *majestas*. Otto, III Capitulo: Elementos do Numinoso. [↑](#footnote-ref-6)
7. Eliade em seu Livro “Aspectos do mito” explana que os mitos cosmogônicos são um modelo para o comportamento humano, com significado e valor existencial, com função social,na iniciação dos jovens homens e mulheres, do sexo, da morte, e da própria pós morte. O mito da esperança, na crença de outros mundos terrenos ou plenos, transignifica ou reinterpreta por meio dos símbolos, conta uma historia sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial. Mostram a sacralidade do existir, dos seres com forças supremas, em locais ricos de beleza, e também trata dos escuros, das trevas, do bem e do mal, dos costumes de um grupo, de uma família, dos costumes para um nascimento ou funeral. Contam historias verdadeiras, mesmo elas não tendo acontecido de fato concreto para um grupo com um objetivo comum (1999, p. 09). [↑](#footnote-ref-7)